

MARCUS VINÍCIUS: UM PORTFÓLIO DE MEMORIAIS POÉTICOS

MARCUS VINÍCIUS: A PORTFOLIO OF POETICAL MEMORIALS

Erly Vieira Jr.
UFES

Resumo

Este portfólio é composto por textos, mais do que imagens, a partir da compilação dos memoriais poéticos elaborados pelo artista Marcus Vinícius (1985-2012) para as suas obras *Frágil* (2011), *Everything imaginable can be dreamed...* (2012) e *The visible and the unconscious* (2012). Buscamos vislumbrar a elaboração do artista, que demonstrava um pensamento muito pessoal sobre o fazer artístico no campo da performance, em especial acerca da transposição de certos limites corporais explorados em trabalhos de longa duração, marcados pelo binômio leveza/risco. Reúnem-se aqui tanto os memoriais descritivos, constantes dos projetos iniciais de cada obra, quanto os textos poético-reflexivos decorrentes de sua realização. O objetivo é compreender a escrita de Marcus Vinícius como um prolongamento das obras e como parte essencial de seu processo criativo, ampliando, assim, a carta de intenções artísticas presente no *statement* que o artista costumava apresentar em seus portfólios artísticos na fase final de sua carreira.

Palavras-chave:

Performance; corpo; memoriais poéticos; escrita de artista.

Abstract

*This portfolio consists primarily of texts rather than images, compiled from the poetic memorials created by the artist Marcus Vinícius (1985-2012) for his works *Frágil* (2011), *Everything imaginable can be dreamed...* (2012) and *The visible and the unconscious* (2012). We seek to apprehend the artist's creative process, which revealed a highly personal reflection on artistic practice within the field of performance –particularly regarding the transgression of bodily limits explored in long-duration works characterized by the duality of lightness/risk. Here we bring together both the descriptive memorials contained in the initial projects of each work, as well as the poetic-reflective texts resulting from the performances. The aim is to understand Marcus Vinícius's writing as an extension of the works and as an essential part of his creative process, thereby expanding the artistic intent articulated in the statement with which he used to present his artistic portfolios in the final phase of his career.*

Keywords:

Performance art; body and performance; poetical memorials; artist's writing.

PORTFÓLIO >>> MARCUS VINÍCIUS



The visible and the unconscious/ O visível e o inconsciente
Reserva Natural Ikh Gazriin Chuluu, Mongólia, 2012
Registro fotográfico: Marne Lucas
Performance/Site Specific
Acervo da Galeria Espaço Universitário (GAEU-UFES)

Marcus Vinícius (Vitória, 1985 - Istambul, 2012) foi um artista visual brasileiro que viveu e trabalhou em diversos lugares do mundo, e um dos mais atuantes nomes da geração de performers surgida no Brasil na primeira década do século XXI.¹ O artista cresceu na ilha de Vitória (ES) e estudou Artes Visuais da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). A primeira fase de sua produção concentrou-se no campo da intervenção urbana, ainda como integrante do Coletivo *Entretantos*, com o qual realizou duas edições do *MultipliCIDADE*, encontro brasileiro de arte urbana que teve duas edições realizadas em Vitória, em 2005 e 2006. A partir de 2007, passou a fazer do corpo o principal objeto e meio de sua arte, criando trabalhos em vídeo, fotografia, instalação, desenho e, principalmente, performance.

Durante cinco intensos anos de produção solo, ele passou a explorar os limites físicos e mentais do seu ser, resistindo à dor, à exaustão, ao silêncio e ao perigo na busca pela transformação emocional e espiritual em trabalhos duracionais. Em seus rituais silenciosos, lentos e de gestos mínimos, muitas vezes enraizados na experiência cotidiana, ele explorava diversas dicotomias: ação/inatividade, movimento/imobilidade, presença/ausência, leveza/risco.

Marcus Vinícius apresentou trabalhos internacionalmente em galerias, projetos e festivais de 22 países: Brasil, Reino Unido, Argentina, Colômbia, México, Bolívia, Estados Unidos, Polônia, Portugal, Espanha, Itália, Rússia, Finlândia, Suécia, Estônia, Letônia, Noruega, França, Peru, Palestina, Filipinas e Mongólia, onde realizou seu último trabalho presencial, em 2012, dentro da *2nd Land Art Biennial LAM 360°*. Ministrou cursos na Facultad de Artes ASAB (Colômbia), na Facultad de Artes Visuales - UANL (México) e na Academia Non Grata (Estônia). Em 2011, tornou-se professor visitante de Performance Art na Svefi - Sverigefinska Folkhögskolan, na Suécia. Em sua curta, porém intensa carreira (que durou cerca de sete anos), Marcus deixou uma obra volumosa, com muitos registros textuais e imagéticos de seus trabalhos nas áreas da performance, do vídeo e da fotografia.

Também atuou como curador independente no campo da performance, tendo sido o coordenador do *LAP! Laboratório de Ação e Performance* e, ao lado dos artistas Rubiane Maia e Shima, realizou

o projeto *Trampolim Plataforma* de encontro com a arte da performance (2011-2012), um festival itinerante de performance que percorreu cidades no Brasil e na Colômbia, reunindo artistas de diversas nacionalidades. Em 2010, foi curador convidado do Festival Internacional de Arte *Acción ZONADEARTENACCIÓN '10*, em Buenos Aires e, em 2011, foi membro da comissão organizadora do *V::E::R - Encontro de Arte Viva*, em Terra UNA, Brasil. O artista faleceu pouco antes da conclusão do seu curso de doutorado em Arte Contemporânea da América Latina, pela Universidad Nacional de La Plata (UNLP), em Buenos Aires (Argentina), cidade onde estava radicado desde 2008.

Após o falecimento precoce de Marcus, sua família doou seu acervo de obras e textos para a Galeria de Arte Espaço Universitário (GAEU-UFES), localizada em Vitória, sua cidade-natal. Em 2016, para celebrar a memória do artista, foi realizada, nessa galeria, a retrospectiva *Marcus Vinícius*, com curadoria de Júlio Martins, Rubiane Maia e Shima. Nesse mesmo ano, organizei o livro *Marcus Vinícius: A presença do mundo em mim*, que cobre sua produção nas áreas de performance, fotografia e vídeo, reunindo também alguns de seus textos críticos e trechos de memoriais descritivos de seus projetos. Nos últimos anos, alguns de seus trabalhos têm atraído a atenção de uma nova geração de curadores, circulando novamente nos espaços expositivos e eventos artísticos.

Mais recentemente, realizei outros dois projetos em torno da obra de Marcus. Um deles é o documentário ensaístico em longa-metragem *Presença* (2024), que mergulha nas obras de três artistas importantes para as artes da performance no Espírito Santo, e que fizeram/fazem de seus corpos e do questionamento de seus limites o centro de suas poéticas. Além de Marcus, o filme aborda as artistas Rubiane Maia e Castiel Vitorino Brasileiro. O longa *Presença* percorreu o circuito de festivais audiovisuais, tendo recebido prêmios no Festival de Cinema de Vitória (incluindo melhor filme pelo Júri Técnico e pelo Júri Popular) e Menção Honrosa no Rio LGBTQIA+ Festival. Estreou no segundo semestre de 2024 em 16 salas de cinema de 12 cidades brasileiras, e estará nas plataformas de *streaming* em breve.²

Outro projeto, também lançado em 2024, chama-se *Imensidão Íntima - Acervo Audiovisual Marcus*

Vinícius, no qual fiz a curadoria e pesquisa. Ele surge para disponibilizar online, ao público em geral, o conjunto da obra audiovisual do artista, tanto em um canal do YouTube, reunindo 47 trabalhos (entre videoperformance, videoarte e registros de performances presenciais, remasterizados em cópias HD), quanto num website, que organiza esses trabalhos em seis programas temáticos, além de incluir sete séries fotográficas concebidas por Marcus, porém, nunca apresentadas na íntegra. Também estão incluídos os registros de dois projetos de exposições individuais não-realizadas, bem como a fortuna crítica sobre o artista, incluindo alguns textos críticos inéditos.³

Esse projeto se apropria do nome de uma ação realizada por Marcus na Rússia, em 2010: *Imensidão íntima* - expressão emprestada de um texto de Bachelard, do livro *A poética do espaço*. Bachelard concebia a imensidão como algo que colocaria o sonhador fora do mundo próximo e diante de um mundo marcado pela infinitude, permitindo-se abrir para a contemplação da própria imensidão interior. Baseado nisso, é possível perceber como, em seus trabalhos, Marcus buscava estabelecer, com seus espectadores, um jogo que ativasse, ao contemplar seus ritos intimistas, uma abertura para que cada um pudesse perceber um pouco mais da amplitude de sua própria interioridade.

Algo importante de se ressaltar é que, além das obras, o acervo do artista que se encontra sob a guarda da GAEU-UFES inclui um riquíssimo material, sob a forma de arquivos digitais que registram diversos aspectos de seu processo criativo. Marcus tinha uma preocupação muito grande com os registros fotográficos e audiovisuais de suas obras, já que muitas vezes ele divulgava o registro de suas performances em vídeo e fotos, realizadas nos mais diversos cantos do planeta, em seus perfis de redes sociais (Facebook, Cargo Collective) e no canal de YouTube que mantinha (e onde ainda se encontram seus vídeos, então postados em baixa resolução). Este canal leva o nome *Estrategias del Cuerpo*⁴ e conta com quase 20 mil inscritos, que até hoje acessam seus vídeos, mesmo não sendo atualizado desde o ano de 2012.

Quando se mergulha no acervo digital do artista, contudo, descobre-se que há muito mais do que somente os registros em fotografia e vídeo ou textos críticos e curatoriais que ele produziu em sua

carreira. Percebe-se a meticulosa organização que ele fazia de sua obra, pois cada pasta reúne vários itens do processo criativo e de execução de cada trabalho: há desde subpastas contendo referências visuais e textuais que o inspiraram, passando por cartas-convite de eventos e documentos diversos, e incluindo até mesmo tickets de passagens aéreas e de hospedagem, utilizados em prestações de contas de projetos comissionados por editais e instituições culturais, além dos materiais brutos de registro em foto e vídeo dos trabalhos.

Além disso, há um conjunto significativo de textos, envolvendo memoriais descritivos e projetos de execução de suas obras, bem como cartas e textos poéticos que refletem as experiências vividas em cada trabalho. O conjunto desse material permite acessar boa parte das reflexões e do pensamento que nortearam o conjunto da produção do artista. Há textos contendo epígrafes de obras que serviram de inspiração, revelando em Marcus Vinícius um leitor inquieto e instigante de literatura, filosofia e livros sobre artes visuais, bem como trechos embebidos de alta voltagem poética, que o tempo todo repensavam e reconfiguravam as experiências vividas à flor da pele em trabalhos que atravessavam todo seu corpo, sua imensidão interior. E há alguns memoriais descritivos em que citações de outros autores são deliberadamente apropriadas/sampleadas no corpo do texto, sob a forma de paráfrases e jogos de palavras, modificando certas perspectivas e contextos presentes nos textos canônicos originais.

Alguns trechos dessas produções foram incluídos tanto no livro *Marcus Vinícius: A presença do mundo em mim*, quanto nas descrições de cada vídeo postado no canal de YouTube @acervomarcusvinicius, como forma de permitir ao público que acessasse algumas reflexões sobre as questões que lhes eram mais caras, bem como compreender as formas como o conjunto de sua obra (artística e textual) permite uma reflexão diferenciada acerca do ato de se mergulhar no impensado do próprio corpo.

Neste portfólio, reuni alguns desses textos, concentrando-me em três obras realizadas no último ano da carreira de Marcus (incluo também algumas imagens dos trabalhos, a título de ilustração). É um período em que muitos de seus trabalhos passam a apontar para questões de transformação emocional

e espiritual, acompanhados de textos que passam a evocar, de modo recorrente, dimensões que não se reduzem a concretude, à aparência, apontando para aspectos clarividentes e oníricos da experiência. Ou, como ele menciona num breve parágrafo escrito a respeito da tríade de performances *Not only in this world* (2011): “Não só vemos o mundo com os olhos, mas também através dos sonhos”.

Início a série de textos com um *statement* do artista, datado de janeiro de 2012, no qual ele aponta sua visão sobre o fazer artístico. Segue-se o memorial descritivo da performance *Frágil*, cuja primeira versão data de 2009, sendo reapresentada em duas outras ocasiões no final de 2011. Este texto vem acompanhado de dois outros, que o artista produziu após essas duas apresentações, atravessados pelos inúmeros afetos que eclodiram durante a vagarosa caminhada de uma figura silenciosa, enfaixada da cabeça aos pés e aparentemente desumanizada, mas que ao mesmo tempo vivia, interiormente, uma intensa ebulição sensório-sentimental durante todo o desenrolar da performance, prolongando-se pelos dias seguintes.

Em seguida, reproduzo textos referentes a dois trabalhos que trilham essa dimensão onírico-clarividente: *Everything imaginable can be dreamed...* e *The visible and the unconscious/O visível e o inconsciente*, ambos de 2012. O primeiro é um vídeo inspirado em Ipásia, uma das cidades invisíveis de Italo Calvino. Trata-se de um lugar marcado por uma linguagem cujos signos não compreendemos, uma vez que seus objetos e situações, também presentes na banalidade de nosso mundo cotidiano, reaparecem nessa localidade de maneiras que nos soam nem um pouco familiares. O desejo do artista de buscar um lugar inventado, elaborado segundo regras deveras idiossincráticas, enfim alcançado após tão longa e extenuante travessia, também tem como forte referência o livro *Espéces d'espace*, retrato das andanças do escritor Georges Perec na Paris dos anos 1970 – e que já era uma forte referência para os exercícios de deriva urbana dos primórdios da carreira de Marcus Vinícius, quando ainda era um jovem estudante universitário.

E o percurso deste portfólio se conclui com dois textos referentes ao seu último trabalho, *The visible and the unconscious*, realizado durante a 2nd Land Art Biennial, na Mongólia. Apresento aqui

tanto o memorial descritivo constante no projeto da intervenção, quanto um texto escrito por Marcus em agosto de 2012, publicado no catálogo do evento, refletindo sobre essa experiência. Muito provavelmente, este foi o último texto que ele produziu sobre sua obra, já que ele viria a falecer poucos dias depois, após uma breve estadia em Istambul, na Turquia, já às vésperas de retornar ao Brasil.

Consultando um dos rascunhos do projeto (inicialmente denominado *Deserto interior*), percebemos que a ideia central de *The visible and the unconscious* parte de um trecho dos diários da poetisa argentina Alejandra Pizarnik, em especial a seguinte passagem, datada de 18 de dezembro de 1960, utilizado por Marcus como uma epígrafe: “Que pode sonhar uma naufraga, senão que acaricia as areias da praia?”. Essa imagem de absoluta solidão e algum devaneio encontra eco na imagem proposta pela versão inicial (e não-concretizada) do projeto, onde o performer, enterrado até o peito, permaneceria imóvel no centro de uma sala de museu, tomada pelas areias do deserto. Marcus descreveu tal imagem como uma “paisagem alucinante”, inserida num mapa de sonhos: um diálogo entre interior e exterior, mundo natural e artificial, que, a meu ver, nos remete a um desejo pessoal e sensível para além da materialidade – ele inclusive chega a falar em fantasmagoria. Na versão do projeto efetivamente enviada para o evento, aqui publicada, a epígrafe de Pizarnik dá lugar a outras duas, de Jorge Luis Borges e Isaac Newton, embora ela ainda traduza o espírito do trabalho e as inquietações presentes no texto.

Na ocasião de sua execução, o trabalho foi transposto dos limites da sala para a vastidão do deserto de Gobi, a cerca de 300km de UlaanBataar, capital da Mongólia: não mais uma performance-instalação, como previsto no projeto original, mas agora um misto de performance e site *specific*, como consta no catálogo do evento. No deserto, Marcus construiu, pacientemente, durante alguns dias, uma espécie de ninho/canteiro com as pedras colhidas nos arredores. Nele, seu corpo repousa febril sob o sol, a pele coberta por um pó dourado, como se tivesse sendo tingida pelos galhos, também dourados, dos raros arbustos que crescem na região. Recolhido no pequeno ninho, prepara-se para então empreender sua jornada através dos

limites da razão, como no encontro com o indizível de que tanto nos falava o filósofo Georges Bataille, em seu livro *A experiência interior*. Quem sabe, uma vez exaurido o corpo físico e deslimitada a consciência, talvez possa se experimentar a sensação de que não é apenas o deserto que se move? Quiçá acariciar outras areias, ainda não-imaginadas? Só nos resta imaginar, à medida que lemos as palavras do artista acerca dessa experiência.

Por fim, acho importante ressaltar que os materiais constantes no acervo digital de Marcus Vinícius incluem, muitas vezes, diversas versões de um mesmo texto, algumas em estágios mais iniciais, outras aparentemente já finalizadas, ou quase. É importante compreender esse material como parte do processo criativo do artista, entendendo que, em boa parte desse material, trechos redigidos por Marcus se misturam a fichamentos de outros textos que lhe nortearam ou inspiraram, e em alguns casos, as versões disponíveis nem sempre atribuem adequadamente a autoria dessas citações. Algo inclusive, totalmente compreensível quando nos deparamos com versões de textos que talvez não fossem as que o autor intencionava publicar, ou, pelo menos, não naqueles estágios em que se encontram, sem antes retornar mais algumas vezes à sua escrita.

Portanto, foi necessário, à medida que se estudava esse material, empreender uma pesquisa bibliográfica detalhada para resgatar algumas dessas fontes e fazer as atribuições devidas em alguns dos textos do artista. Há a possibilidade de algumas passagens ainda não estarem adequadamente identificadas, portanto, ficam à espera de uma possível edição futura. E há também a possibilidade de se pensar alguns desses textos como um gesto artístico a partir de provocativas colagens de trechos alheios e paráfrases – por exemplo, o texto que acompanha o trabalho *The presence of the world in me II* (2011) na página que o artista mantinha no Cargo Collective,⁵ que mescla deliberadamente trechos de Clarice Lispector (*Um sopro de vida*) e Paul Zumthor (*Performance, recepção, leitura*), como se tivessem emergido do contexto de criação da obra. Afinal, lidar com arquivos é também se permitir escutar as entrelinhas dos textos e especular algo sobre os gestos que os engendraram.



Everything imaginable can be dreamed...
(2012)
Vídeo
Registro fotográfico: Federico Feliziani
Acervo da Galeria Espaço Universitário (GAEU-UFES)

STATEMENT

Meus trabalhos partem da observação e interpretação do espaço que me rodeia, enfrentando os embates éticos e estéticos de pensar esses espaços e as narrativas de intimidade. Defender o silêncio, o poético e a invisibilidade. Após esta aproximação aos lugares, intervenho com/no meu corpo em performances que estabelecem um diálogo entre o real e o imaginado. Inclina-se desta maneira pelo vivencial, as experiências próprias dos lugares habitados dia a dia. Quero estar conectado e explorar a relação entre o Eu e seu entorno num mundo dilacerado pelas transformações urbanas e midiáticas, criando ações que manifestam transitoriedade e instabilidade. Tentativas de fazer um mundo para sobreviver... e viver minhas obsessões. Entender o cotidiano não só como espaço de sociabilidade, mas como paisagem. Uma busca de transcendência dos meus limites e de conexão com a totalidade, com a natureza idealizada, com o meu universo simbólico. Meus trabalhos traçam um mapa psíquico pessoal que expressa quem eu sou. Contudo, não são apenas sobre mim nem para mim. São profundamente tanto pessoais como arquetípicos. Tratam do escuro desejo que se desconhece. É uma busca de uma poética do cotidiano que vislumbra no limiar o excepcional, a transfiguração, o sublime, mas sei que estes são apenas instantes que ficam guardados em desenhos, instalações, fotografias e vídeos. Por ter vivido momentos limite de tanta intensidade, esse homem, personagem, ser, segue caminhando, não se consome; e por mais que caminhe, olhe, viva, sofra, é um homem comum. Afinal, tudo é tão simples...

e, de uma forma ou outra, é autobiográfico.

Marcus Vinícius

Buenos Aires, janeiro de 2012.



Frágil III
(Rio de Janeiro, 2011)
Performance
Registro fotográfico: Julio Callado
Acervo da Galeria Espaço Universitário (GAEU-UFES)

FRÁGIL

(2009-2011)

Sinopse

A ideia inicial da performance *Frágil*, de autoria de Marcus Vinícius, propõe perceber as grafias da cidade em um corpo que transita e se relaciona incessantemente com e na cidade. É como percorrer um caminho que não tem mapa: é um mapa. Muitas vezes, ação sutil pelos encontros. Outras, violenta pelos ritmos frenéticos do cotidiano. Encontros agudos, casuais [ou não], indistintos. Assim, reveladores de relações que, devidamente refletidas, poderiam desestabilizar expectativas e fazer notar que as cidades sobrevivem, pulsam, insistem. As cidades se adentram em nós e conosco. E em *Frágil*, a cidade contenciosamente coexiste como um corpo intenso, incansável, incompreensível que recebe um corpo sedento nesse fluxo inquietante.

O performer se move com dificuldade, mas seu corpo é indelével, indomável, inexorável. A maneira de caminhar, seu ritmo, a qualidade do movimento e da ação de não falar nos faz pensar sobre um fantasma que vaga pelo mundo dos vivos com certa hesitação, um corpo enigmático que desaparece em meio à multidão. Muitas vezes o caminho é aberto pelos transeuntes que, mesmo correndo em seu ritmo cotidiano, param para olhar e tentar decifrar a imagem inusitada.

O Público como público, público da cidade, público um do outro e não menos público privado. Perguntas, registros fotográficos, comentários, sorrisos, afetos, turbulências corporais. Um corpo como fluxo inquietante que se manifesta publicamente. A cidade que tarda em esquecer porque tem memória impressa em seu corpo. Encontros que possibilitam pensar e tratar a cidade como espaço onde se estabelecem outras relações e situações entre arte e indivíduo. Queremos dizer que os corpos urbanos redefinem corpos artísticos ampliando as ações e tecendo outros nexos. Entender um pouco esta dinâmica é o que pretende a realização da performance *Frágil*, porque objetiva provocar nossos sentidos para os percursos orgânicos da arte e no urbano. Uma organicidade que se revela, de outros modos, nas relações corpo x cidade, e não somente em meras analogias.

Pequena descrição do trabalho

Num espaço amplo, em frente a um espelho, Marcus Vinícius cobre seu corpo dos pés à cabeça com uma fita adesiva branca de segurança que contem a inscrição FRÁGIL, escrita em vermelho. Se fragiliza lentamente. Logo se revela para a cidade quando sai para caminhar pelas ruas. Com seu corpo frágil, durante o caminho recebe todo tipo de manifestação do público, propiciando o encontro, intercâmbio e o estabelecimento de relações entre os diferentes atores/público que interagem com a performance. quando apresenta sinais de cansaço, esse esforço absurdo que causa uma debilidade que impede a flexibilidade e os movimentos tornando o seu caminho cada vez mais lento, o performer retorna ao ponto inicial da performance. se (des)fragiliza e assim termina a performance.

Duração da obra.

Indeterminada (entre 01 e 02 horas)

Percurso a ser realizado

Deriva

Necessidades Técnicas

01 performer

04 rolos de fita adesiva com a inscrição FRÁGIL

É necessário um espaço amplo com espelho para a preparação prévia do performer, além de um assistente de produção.

DEIXOU MARCAS NA SUA PELE⁶

Ontem (quinta-feira, 17 de novembro) foi desses dias em que tive consciência absoluta da importância de viver. Uns me sorriem, outros me encaram com hostilidade. Um homem me ofereceu um sorriso. Creio que tudo terminou naquele instante em que olhei seus olhos e agradeci. Não podendo falar, asfixiado em mim mesmo, pensava na necessidade de ter que fazer um esforço tão horroroso. Mas o silêncio é tão certo, tão verdadeiro. Por esse caminho, sigo. Estou só e caminho. Não, não estou só. Alguém - talvez muitos - está/ão a meu lado. Gente que não conheço, gente com realidades distintas e com a qual não deveria me importar, dada sua natureza invisível. Mas ainda creio nos rostos e na sensibilidade dos olhares. Me apresento: te dou, sou você.

Rostos por todos os lados. Estranheza. Meus olhos buscavam a saída desses rostos. Rostos que olhavam um espetáculo móvel, variável e veloz, que reordenava e entrecruzava a imaginação e os desejos de caminhar comigo. Rostos que, em meio a tantas velocidades e intensidades, às vezes não conseguem parar nesse desvio.

Alguns instantes antes, eu me olhava no espelho e tinha medo. Depois de muito tempo, terminava o processo de “fragilização” do meu corpo. Já não podia ver minha pele. Da cabeça aos pés, tudo era frágil. Tudo isso me angustia porque agora é inexplicável. Doem-me os pés, a memória, os olhos, os braços e até mesmo o espelho em que me olhava há pouco.

Vejo meu caminhar como recuperação de um sentido, percepção de uma escritura terrestre, de uma geografia da qual havíamos esquecido que somos autores. Todas as portas estão fechadas. O melhor é seguir. O sonho bruto. Eu me recuso. Que sei da vida? Só tenho a minha. Isso que faço não é um jogo, nem uma imagem. É muito mais.

“Deixou marcas na sua pele”, disse Lucas após tocar minhas feridas com extrema suavidade, colorindo meu silêncio e dando-nos tempo de descobrirmos, redescobrirmos, enquanto me beijava na boca. Dizer que sou masoquista não resolve nada. Se a alegria no sofrimento não é possível, então que se faça o possível e o impossível para enfrentar a cidade. Faz anos que estou criando a partir do meu cotidiano, em performances, vídeos, diálogos e escritos. Minha vida é interessante, cheia de emoções, paixões e peripécias. Na verdade, só vivo enquanto sofro - essa é minha maneira de viver. Mas algo em mim não quer sofrer. Algo quer observar e calar. Às vezes, minha vida me dá vertigens. Me vejo no passado, me imagino no futuro, e tudo começa a girar, tudo é demasiado grande, não dá pra ser abarcado. Minha vida é demasiado grande pra mim.

Penso naquele rosto. Um rosto do qual não me recordo, que já não está mais em minha memória. Confusa tarde de verão primaveril. Dei a ele tudo que tinha naquele momento. Dei tudo o que os anos não me tomaram, o que tenho, o que sempre tive. Vida. Fui junto a esse rosto que não encontro, que não mais lembro. Agora já é tarde para andar outra vez invadido por uma presença muda. Fico com seu rosto cravado em mim.

Dentro de mim há um vazio. Ou dor. E também há vida.



Frágil II
(Buenos Aires, 2011)
Performance
Imagem: Santiago Cao (frame de vídeo)
Acervo da Galeria Espaço Universitário (GAEU-UFES)



Assista ao vídeo acessando este QR Code

APESAR DE TER CONSCIÊNCIA...⁷

"Quero romper com meu corpo, quero enfrentá-lo,
acusá-lo, por abolir minha essência,
mas ele sequer me escuta e vai pelo rumo oposto."
(Carlos Drummond de Andrade)

Uma tarde densa e escura. Onde estava? O meu corpo foi dividido em dois pedaços. O cheio e vazio. Isolados no sem-tempo e no sem-espço, num intervalo mudo. Estava dentro de um casulo. Sem pensamentos, sem emoção. Aos poucos, outra vez, terminava o processo de fragilização do meu corpo. Um movimento com as mãos, estirando-se depois para todo o corpo. O coração bate assustado. É hora de ir para as ruas.

Olho para o lado. Diante de uma multidão de rostos que assistia o início da performance, caminho lentamente. Algumas pessoas se assustam, outras se questionam, e outras mais se surpreendem. Lá estava um homem, frágil. Compreendi que esperava exatamente isto.

O peito protegido, os braços abertos, os pés cansados. Os meus olhos têm a fome do horizonte. Lá estava um homem. Quem era? A pergunta nasce, se perde na multidão. Mas antes que até mesmo eu possa esquecê-la, ouço alguém de voz infantil perguntar: quem é ele? É de plástico?

Outros impacientes. Outros cansados da insistência da multidão de rostos que insiste em correr. Quem era? Um homem, alguém respondeu. Um homem estranho. Vi outros rostos, rostos sorrindo. Já o meu rosto, cansado. Parei um pouco sentindo o próprio coração ressoar no peito. Continuei. Os olhos abertos, sem ver, toda a atenção voltada para mim e para o que eu sentia.

Quantas vezes terei que viver as mesmas coisas em situações diversas? Imagino aqueles rostos já conhecidos, brilhando com e sem expressão. Que vozes poderiam ter? Dentro de mim, o silêncio derramando-se de dentro como sangue. Hoje tive medo do meu próprio medo, que me deixava isolado. Enxergava de longe, a mim mesmo, perdido e pequeno, coberto de fragilidade, junto de rostos que poderiam ser eu a qualquer momento. Assim é a vida na cidade.

E subitamente tive um medo real, tão vivo como as coisas vivas. O desconhecido que era eu. Medo no corpo, medo no sangue. Para onde ia? Não estava sozinho? Estremeci. Não, não era perigoso.

Parei, à espera. Aos poucos senti o calor do estranho transmitindo-se a mim pelas costas, pelas bordas. Ouvi o bater ritmado, longínquo e sério de um coração. Do teu coração. Perscrutou-se atento. Aquele ser vivo era meu, naquele instante. Aquele desconhecido, aquele outro mundo era meu. O vejo longe. Frágeis e delicadas, as minhas linhas são descobertas. A angustia vai subindo pelo corpo, e me preenche por inteiro.

Havia ainda o silêncio, o mesmo silêncio.

Talvez, quem sabe, tivesse vivido um pouco de sonho misturado com realidade, penso. Agora procuro rememorar o dia passado. Nada de importante, senão aquela mensagem que me deixou atônito. Aquele sorriso, aquelas mãos. Aquele abraço.

Agora também sorrio, mas não posso evitar que a dor comece a palpitar em meu corpo, como uma sede amarga. Mais que dor, um desejo de amor crescendo e dominando-a. dentro de um vago e leve turbilhão, como uma rápida vertigem, tenho a consciência do mundo, da minha próxima minha própria vida, do passado, do futuro além do meu corpo.

Mas tudo o que eu posso dizer agora não basta. Eu estou vivendo, vivo. Nunca o senti tanto. Agora subitamente compreendo que o amor pode fazer com que se deseje o momento que vem num impulso que é a vida. Sinto o mundo palpitar suavemente em meu peito, apesar de ter consciência...

Silêncio de novo dentro de mim. Os olhos fechados, entregues. Frágeis. São menos que palavras, sem sentido, que fluem e se entrecruzam. Os meus olhos se umedeceram de alegria suave e de gratidão. As palavras escutadas, os sorrisos compartilhados. Aqui, os rostos se aproximaram, se entregaram e eu pude me sentir pleno como se tivesse sorvido um mundo. A chuva insistia em cair, enquanto eu te esperava. No teu silêncio, adormeci.

Hoje, os olhos que brilhavam eram os meus.



Frágil III
 (Rio de Janeiro, 2011)
 Performance
 Imagem: Rubiane Maia (frame de vídeo)
 Acervo da Galeria Espaço Universitário (GAEU-UFES)



Assista ao vídeo acessando este QR Code



Frágil III
(Rio de Janeiro, 2011)
Performance
Imagem: Rubiane Maia (frame de vídeo)
Acervo da Galeria Espaço Universitário (GAEU-UFES)



Everything imaginable can be dreamed...

(2012)

Vídeo

Registro fotográfico: Federico Feliziani

Acervo da Galeria Espaço Universitário (GAEU-UFES)

EVERYTHING IMAGINABLE CAN BE DREAMED...¹⁰

"(...) chegará o día em que meu único desejo será partir. Sei que não devo descer até o porto mas subir o pináculo mais elevado da cidadela e aguardar a passagem de um navio lá em cima. Algum dia ele passará? Não existe linguagem sem engano."

(Italo Calvino, *As cidades invisíveis*)

Uma história. Uma história sobre mim. Sobre meu mundo.

Everything imaginable can be dreamed... é um projeto que reúne e incorpora uma variedade de objetos do cotidiano e sinais visuais relacionados à cidade invisível Ipásia, descrita no livro *As Cidades Invisíveis*, de Italo Calvino.

"...buscar um lugar inventado. Terra desconhecida. Fora do mapa." (Marcelo Campos)

Atravessar florestas, ruas, verdes, cinzentas. Um lugar subjetivo.

"As cidades, como os sonhos, são construídas por desejos e medos, ainda que o fio condutor de seu discurso seja secreto, que as suas regras sejam absurdas, as suas perspectivas enganosas, e que todas as coisas escondam uma outra coisa." (Italo Calvino)

Nas ações, a imagem-corpo se alterna. Às vezes fica maior diante das coisas. Às vezes ele se ausenta da imagem e vê o mundo crescer. Nesse momento ele se tornou um personagem inevitável, embora ausente, em suas próprias fábulas.

Estou interessado em outra paisagem, não sei se é mais específica. Na verdade, a ideia de paisagem imaginável sempre me atraiu. No sentido mais abstrato, da ausência de coisas, de espaços vazios, de caminhos que desaparecem, reaparecem, de possibilidades místicas. Os desertos, assim como as florestas, estão nas fábulas, nos mitos, nas histórias infantis. Sempre há uma floresta para se perder ou um deserto para atravessar.

Pretendo trabalhar nesta paisagem, com paredes sujas, árvores verdes, céu cinzento, chuva. Quero desejar e perseguir algo que nunca chegará, o lugar da dúvida.

Uma extensão verde, tão intensamente iluminada que nada se vê à distância, exceto maremotos nas fímbrias do horizonte. A câmera segue um homem (?), vestido como ele mesmo. Ele usa uma máscara de gesso. Dois olhos cegos desenhados com caneta. Animal. Fantasma. Seja fictício. É corpo, é ambiente. Ele sai em busca da ausência, encontrando sons fora de seu alcance. Procura. Isso sinaliza outra hora.

A fábula trata do desejo desconhecido, e a fábula é a operadora de toda a obra. Roupas e instrumentos, por exemplo, são utilizados para acompanhar a imagem-corpo. Funcionam como dispositivos de garantia contra flertes sem compromisso com o real e o simbólico. Tenta sentir o menor e reter o transitório. Caminhos que se distanciam, horizontes que se dissolvem.

Fabular é uma experiência com ramificações próximas, talvez, da esquizofrenia. Imaginar (ou sonhar) este projeto reavivou em mim a percepção espacial que exala de *The house*, da artista finlandesa Eija-Liisa Ahtila, que apresenta uma mulher que começa a ouvir vozes sem distinguir o que vem de fora ou de dentro.

O vídeo será exibido no evento Action Art Now, realizado por OUI Performance, em fevereiro de 2012, no Space 109 Community Arts, na cidade de York, Inglaterra. A ideia é filmar no Centro Cultural España Buenos Aires (Sede Balcarce) e no Parque Pereyra, ou no Bosque de La Plata, entre os dias 18 e 22 de janeiro de 2012.

Marcus Vinícius

Buenos Aires, janeiro de 2012.

EVERYTHING IMAGINABLE CAN BE DREAMED...⁸

"Gostaria que existissem lugares estáveis, imóveis, intangíveis, intocados e quase intocáveis, imexíveis, enraizados. Lugares que servissem de referência, de ponto de partida, de forças: Minha terra natal, o berço de minha família, a casa onde teria nascido, a árvore que eu teria visto crescer (que meu pai teria plantado no dia de meu nascimento), o sótão de minha infância repleto de recordações intactas... Lugares assim não existem, e é porque eles não existem que o espaço se torna questão, deixa de ser evidência, deixa de ser incorporado, deixa de ser apropriado. O espaço é uma dúvida: é preciso sem parar marcá-lo, designá-lo; ele não é jamais meu, ele não me é nunca dado, é preciso que eu faça a conquista"

(Georges Perec, *Espèces d'espaces*)

"O lugar vago, errante, móvel, livre de vista, muitas vezes mais rápido e mais sensível que o corpo e que a cabeça ; atraído, repellido, voando como uma mosca e se fixando dela; que gosta de formas, de encontrar caminhos, de ligar objetos separados; parte mais móvel do corpo menos móvel, ora sujeita a qualquer atração, ora apegada ao ser e em relação com ele, viaja pelo mundo, e ora se perde em um objeto e se vê fugindo dele."

(Paul Valéry, *"Regard"*, do livro *Poésies et mélanges*)

"'Eu sou exatamente o que você está vendo', diz a máscara, 'e tudo que você teme atrás de mim'."

(Elias Canetti, *Massa e poder*)

Uma história. Uma história sombria.

Uma história sobre mim, sobre meu mundo.

Buscar um lugar inventado. Terra desconhecida. Fora do mapa. Atravessar Algo fora do mapa. Atravessar bosques, jardins, verdes, cinzentos. Um lugar subjetivo. As cidades, como os sonhos, são construídas por desejos e medos, ainda que o fio condutor de seu discurso seja secreto, que as suas regras sejam absurdas, as suas perspectivas enganosas, e que todas as coisas escondam uma outra coisa. Tentar sentir o menor e reter o transitório. Caminhos que se distanciam, horizontes que se dissolvem. Outra paisagem, talvez mais concreta. Na verdade, a ideia de paisagem imaginável é uma atração. No sentido mais abstrato, da ausência das coisas, dos espaços vazios, dos caminhos que desaparecem, reaparecem, das possibilidades míticas. Desejar... e correr atrás de algo que nunca chegará, lugar de dúvidas.



Everything imaginable can be dreamed...
(2012)
Vídeo
Registro fotográfico: Federico Feliziani
Acervo da Galeria Espaço Universitário (GAEU-UFES)



Assista ao vídeo acessando este QR Code



Everything imaginable can be dreamed...
(2012)
Vídeo
Registro fotográfico: Federico Feliziani
Acervo da Galeria Espaço Universitário (GAEU-UFES)



The visible and the unconscious/ O visível e o inconsciente
Reserva Natural Ikh Gazriin Chuluu, Mongólia, 2012
Performance/Site Specific
Registro fotográfico: Marne Lucas
Acervo da Galeria Espaço Universitário (GAEU-UFES)

O VISÍVEL E O INCONSCIENTE

(Projeto inicial: Janeiro de 2012)

*“Não basta um único termo repetido para desbaratar e confundir a série do tempo?”
(Jorge Luis Borges, Uma nova refutação do tempo)*

“O espaço absoluto, em sua própria natureza, sem relação com qualquer coisa externa, permanece sempre igual e imóvel. O espaço relativo é qualquer quantidade ou dimensão variável deste espaço; o qual nossos sentidos determinam pela posição dos corpos: e que é vulgarmente tido como espaço imóvel... Movimento absoluto é a tradução de um corpo para um espaço absoluto dentro de outro: e movimento relativo, a tradução de um espaço relativo para outro [...]”

(Isaac Newton, *Princípios matemáticos da filosofia natural*)

A performance-instalação *O visível e o inconsciente* procura investigar as formas de expressão do tempo através da experiência de um hipertempo e ainda evocar, como uma forma de sincronicidade, o tempo da vertigem.

Aprendemos com a literatura que o deserto pode ser um labirinto, cujos traços desenham e confundem o tempo em múltiplas dimensões (entre os séculos, a cidade, os amores e o texto). No deserto abrem-se janelas para tempos históricos, mas que também evocam, na paisagem, signos esparsos de várias outras épocas. Nele, flui um tempo do devir, que move e consome os homens, pelo acaso e pela experimentação. E há ainda, um tempo do sonho, que, comunica-o a toda uma tradição da cultura local, nesse caso a Mongólia.

Marcus Vinícius pretende realizar uma performance-instalação onde são os seus limites que constroem o espaço que habita. Com areia do deserto, o artista produz uma paisagem no interior de uma sala, criando um diálogo entre exterior e interior, mundo natural e artificial. Poeticamente, esse espaço reflexiona sobre o que considera essencial e é, através deste mundo onírico, como se aproxima da compreensão do mundo real.

O artista permanece imóvel no centro da sala, com areia até a altura do peito, durante todo um dia. A performance-instalação nos situa num espaço onde confluem o visível e o inconsciente numa aproximação exploratória da vulnerabilidade física e psicológica dos seres, como uma tentativa de compreensão de suas formas de atuar e viver.

Uma paisagem alucinante que se encontra num mapa de sonhos. Um desejo pessoal e sensível do fantasmagórico. Um corpo que pode se tornar uma sombra. Ora se alternam, ora se cruzam, ora se dividem ou se fundem. Podem vincular-se ao movimento da areia ou escapar dela, podem se tornar unicamente sombra. Um pensamento, um sonho. Uma sequência de gestos mudos. A sombra pode agregar-se ao corpo e dilatar-se, pode manter-se isolada. E ali se constroem numa fronteira sempre embaçada entre o vivido e o sonhado, o eu e o outro, a escrita e a vida.

Desdobrar o tempo em várias dimensões. Infinitas séries de tempos, num espaço crescente e vertiginoso de tempos divergentes, convergentes e paralelos. Utilizamos o termo hipertempo para conceituar esses “tempos que se aproximam, se bifurcam, se cortam ou que secularmente se ignoram”, descritos pelo escritor argentino Jorge Luis Borges no Jardim dos caminhos que se bifurcam.

A ação de encher a sala com areia parte da descoberta da repetição como meio assombroso de romper com a linearidade do tempo.

A performance-instalação mostra também a relação civilização e natureza. Se o estado de abandono das casas sugere a decadência da civilização e o triunfo da natureza, o sossego reinante revela um diálogo singularmente harmonioso. A natureza não se mostra devastadora, brutal; se diria que realiza uma

reapropriação suave de seus domínios, respeitando o que de belo deixaram os seres humanos.

O contraste do corpo do artista com a areia contribui a afiançar a sensação de irrealidade. Como num sonho, a identificação de um elemento nítido e inteligível ajuda a assimilar o desvario, a aceitar sua lógica própria. Portas e janelas nos convidam a imaginar o mundo exterior, o céu, o mar. A quietude suspendida do corpo do artista confere um ar intensamente pictórico; combinado com a sensação onírica, as primeiras referências visuais que nos vem à mente são as de pinturas surrealistas. A aparição inesperada e inquietante de forças e seres da natureza em âmbitos tipicamente humanos é um dos sinais de identidade de atmosfera própria do surrealismo.

Borges dizia que “essa iminência de uma revelação, que não se produz, é talvez o feito estético”. Nessa performance-instalação, percebemos uma absorvente sensação de iminência, de movimento, como se o estatismo, por mais imponente e eterno que pareça, estivesse a ponto de se quebrar, como se tratasse de instantâneas que congelam uma intensa atividade das coisas inertes.

Não só o deserto se move.

A performance-instalação *O visível e o inconsciente* resulta num caminho por espaços interiores ruidosos mas cheios de vida sensível, combinando seus encantos num baile ilusório de beleza impassível.

Marcus Vinícius

Vitória, fevereiro 2012



The visible and the unconscious/ O visível e o inconsciente
Reserva Natural Ikh Gazriin Chuluu, Mongólia, 2012
Performance/Site Specific
Frame de vídeo
Acervo da Galeria Espaço Universitário (GAEU-UFES)



Assista ao vídeo acessando este QR Code

O VISÍVEL E O INCONSCIENTE⁹

Quando cheguei ao deserto de Gobi, a surpresa de silêncio. Um silêncio petrificado. O silêncio da espera.

Eu senti uma forte troca de energias com o lugar e sinto que o desafio de se estar na Mongólia é confrontar essa emergência de assuntos, energias e informações explodindo ao meu redor e que me obrigam a abrir mais ainda os olhos, os ouvidos e a mente. Corpo aberto. Corpo entregue ao deserto.

Magicamente, caminhando pelo deserto à procura de um lugar para minha performance, encontro um ramo de ouro caído no chão, entre pedras e flores. Sinto um brilho intenso, olho em volta e percebo estar cercado por árvores douradas (Altan Hargana). Esses arbustos dourados, espalhados por todo o deserto, não crescem mais que 50 centímetros e nunca devem ser removidos da terra porque as árvores são a proteção das famílias que vivem aqui. Definitivamente, esse seria o lugar em que eu iria performar.

No deserto, não vemos árvore alguma, exceto esses arbustos dourados e, por um momento espiritual e poético, eu quis ser também um desses arbustos. Lembro-me de Manoel de Barros, dizendo que há nas árvores isoladas uma maior assimilação dos horizontes. Então, lá estava eu, sozinho.

A performance me lançou em um espaço onde o visível e o inconsciente convergem em uma abordagem exploratória da minha vulnerabilidade física e psicológica, como uma tentativa de entender minha maneira de agir ou viver. Eu acredito que um sentido de melancolia jaz sob toda experiência de arte em movimento, apesar da temporalidade da beleza imaterial: *“Os projetos de arte são um ideal inatingível, esse ideal de uma beleza que toca momentaneamente o eterno”* (Juhani Pallasmaa).

As pedras que coloquei ao redor do buraco são imagens e marcas de passos. A paisagem que rodeia o meu corpo reflete sua possível ação sobre ele. As pedras articulam a força da terra em volta do meu corpo. O movimento, o equilíbrio e a escala são sentidos pelo corpo inconscientemente, sob a forma de tensões. Numerosas sensações corporais e espirituais foram vividas durante o processo deste trabalho.

O autor argentino Jorge Luis Borges disse que *“a iminência de uma revelação que não se produz talvez seja o fato estético”*. Nesta performance, percebo a sensação de absorver a iminência do movimento, como se ele fosse estático e, no entanto, tão impressionante e eterno quanto possa parecer – prestes a quebrar, como se fosse um instante congelado, intenso de coisas inertes.

Não é apenas o deserto que se move.

A performance *The visible and the unconscious* resulta em um caminho que atravessa espaços interiores ruidosos, mas cheios de vida sensível, combinando seus encantos em uma ilusão de dança da beleza, indiferente e solitária.

O artista é guerreiro. E a Guerra nunca termina.

Agradeço a Marne Lucas, Anna Macleod, Irene Pätzug and Natsuko Uchino.

Marcus Vinícius, agosto de 2012.



The visible and the unconscious/ O visível e o inconsciente
Reserva Natural Ikh Gazriin Chuluu, Mongólia, 2012
Performance/Site Specific
Registro fotográfico: Marne Lucas
Acervo da Galeria Espaço Universitário (GAEU-UFES)

Notas

¹ Agradeço imensamente à Galeria de Arte Espaço Universitário (GAEU-UFES) e à família do artista por concederem a autorização para utilizarmos os arquivos de Marcus Vinícius neste portfólio, que é um desdobramento do projeto *Imensidão íntima - Acervo Audiovisual Marcus Vinícius*, do qual sou produtor, curador e pesquisador.

² O trailer do filme está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=i_8BeulY77o>.

³ O site está disponível em: <<https://www.acervomv.com>>; e o Canal do YouTube em: <<https://www.youtube.com/@acervomarcusvinicius>>.

⁴ Disponível em: <<https://www.youtube.com/@estrategiasdelcuerpo>>.

⁵ Disponível em: <<https://cargocollective.com/marcusvinicius/THE-PRESENCE-PART-II>>.

⁶ Texto produzido por Marcus Vinícius após realizar a segunda versão da performance *Frágil*, nas ruas de Buenos Aires, em novembro de 2011. [N. do A.]

⁷ Texto produzido por Marcus Vinícius após realizar a terceira versão da performance *Frágil*, nas ruas de Ipanema, no Rio de Janeiro, em dezembro de 2011, como parte do evento *Transperformance*. [N. do A.]

⁸ Texto do projeto submetido ao evento Action Art Now, com identificação das epígrafes feita pelo organizador deste portfólio. [N. do A.]

⁹ Tradução do texto postado na página de Marcus Vinícius no site Cargo Collective, contendo três novas epígrafes e a sinopse oficial do vídeo, na redação original do artista. [N. do A.]

¹⁰ Texto publicado originalmente em inglês, no catálogo *Mongolia 360° - 2nd Land Art Biennial* e traduzido para o português para o livro *Marcus Vinícius: a presença do mundo em mim*. [N. do A.]

SOBRE O AUTOR

Erly Vieira Jr. é cineasta, escritor, curador e pesquisador na área audiovisual. Pós-doutor em Cinema e Audiovisual pela Universidade Federal Fluminense (UFF), e doutor em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), é professor do Departamento de Comunicação Social e foi um dos fundadores do curso de Cinema da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Entre seus trabalhos de teoria e crítica, incluem-se os livros *Plano Geral - Panorama histórico do cinema no Espírito Santo* (2015), *Marcus Vinícius - A presença do mundo em mim* (2016), *Exercícios do olhar, exercícios do sentir* (2019), *Realismo sensório no cinema contemporâneo* (2020) e *Rasuras: Vídeo*

experimental no Espírito Santo (2021), além de diversos capítulos de livros e artigos em periódicos sobre cinema e corpo, performance, sensorialidade, cinema queer/cuir, cinema contemporâneo e artes do vídeo. Também atua como curador audiovisual em mostras e festivais nacionais, e é realizador audiovisual, assinando a direção de dez curtas-metragens e do documentário em longa-metragem *Presença* (2024), centrado em artistas da performance. E-mail: erlyvieirajr@hotmail.com

SOBRE O ARTISTA

Marcus Vinícius (Vitória, 1985 - Istambul, 2012) foi um artista visual brasileiro que viveu e trabalhou em diversos lugares do mundo, e um dos mais atuantes nomes da geração de performers surgida no Brasil na primeira década do século XXI. Estudou Artes Visuais da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e iniciou sua produção artística no campo da intervenção urbana, migrando em seguida o foco da sua investigação para o corpo, criando trabalhos em vídeo, fotografia, instalação, desenho e, principalmente, performance. A partir de 2008, passa a residir entre Buenos Aires e La Plata, na Argentina, construindo uma carreira internacional que incluiu a apresentação de seu trabalho em galerias, projetos e festivais de 22 países na América, Europa e Ásia. Em 2011, foi professor visitante de Performance Art na Svefi - Sverigefinska Folkhögskolan, na Suécia. Também atuou como curador independente no campo da performance, tendo realizado, ao lado dos artistas Rubiane Maia e Shima, o projeto *Trampolim_ Plataforma de encontro com a arte da performance* (2011-2012), um festival itinerante de performance que percorreu cidades no Brasil e na Colômbia, reunindo artistas de diversas nacionalidades. Parte significativa de sua produção artística e audiovisual pode ser acessada no site <<https://www.acervomv.com>>. Em 2024, foi tema do documentário em longa-metragem *Presença*, dirigido por Erly Vieira Jr.